



**Escritos
do
Passado**

Novela de Aventura

Ben Griessler

Índice

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Prólogo

1717:

"**R**astejar todas as escotilhas ao mesmo tempo! A tempestade está a aproximar-se!"

"Aye Capitão!" respondeu um oficial não comissionado sobre o Whydah. A tripulação já tinha embarcado nas velas há horas atrás. Assim, o encerramento da costa do Cabo do Bacalhau, rochas e bancos de areia foram um perigo acrescido.

O Whydah. Um navio deslumbrante da proa à popa. O navio pinass navegou sob a bandeira inglesa e tinha quarenta e dois metros de comprimento.

Há meses que o navio estava em movimento. Vastas quantidades de ouro, prata e rubis encontram-se adormecidos no porão. Matérias-primas raras suficientes para encher um tesouro real. De acordo com a lenda, alguns rubis eram tão grandes como ovos de galinha.

Mas isto não foi nada comparado com o que Thomas Davis e Ian Bufford possuíam. O misterioso caderno de apontamentos do escritor supostamente conduziu a uma biblioteca. Uma biblioteca que consistia inteiramente de livros e pergaminhos não encontrados em mais lado nenhum do mundo.

Ian Bufford era um escritor de Londres. Juntamente com o seu aprendiz Thomas, ele tinha-se encarregado de escrever

e arquivar todas as histórias. Portanto, estavam sempre na estrada e falavam com as pessoas mais extraordinárias. Na sua viagem, não recolheram apenas histórias orais. Para além dos antigos pergaminhos egípcios e romanos, receberam também uma estátua em mármore.

A escultura de uma sereia com sabre não era apenas bonita de se ver. O conhecimento do seu segredo abriu uma porta para um mundo há muito esquecido.

A referida estátua também estava a bordo, e bem guardada na cabine de Bufford.

"Kapitano! A tempestade está a afastarnos cada vez mais do rumo"!

"Para que lado?"

"Trinta graus a noroeste! As falésias estão apenas a algumas centenas de metros de distância"!

"Roger that. Leme duro, e fá-lo agora"!

Mas a mudança espontânea de rumo também não ajudou. Criaram de facto uma maior distância para si próprios. Mas o furacão levou o Whydah para um banco de areia quinze minutos mais tarde. A uns bons cento e cinquenta metros de terra.

"Para os barcos salva-vidas"! o capitão encomendou com uma voz fumegante.

Ian e Thomas colocaram o caderno de notas e a escultura num velho saco de batatas e correram para um barco a remos. O número de barcos, contudo, era apenas suficiente para uma fracção da tripulação.

Juntamente com um fraco sargento, foram baixados para o mar furioso.

Davis agarrou as pás e remou com todas as suas forças até à costa. Antes que ele desse por isso, uma onda monstruosa lavou o NCO no oceano, arrastando-o para as profundezas escuras. Os outros barcos salva-vidas não tiveram maior facilidade. Todos eles afundaram ou a tripulação afogou-se.

Apenas Ian Bufford e Thomas Davis sobreviveram.

"Senhor Davis, é aqui que nos separamos. Levarei a estátua para um lugar seguro. Para isso, levarei o próximo navio para a Europa amanhã de manhã. Deve ficar aqui e avisar-me. Aqui está o meu caderno de notas. Cuide bem dele. Boa sorte, meu amigo!"

Thomas olhou mais uma vez para o navio. Limpou uma lágrima da bochecha e abraçou a despedida do seu professor. Agradecido, ele levou o livro.

Capítulo 1

Hoje em dia:

"Indo uma vez, ... indo duas vezes, ... e vendido, ao número 98. Parabéns!" anunciou a leiloeira elegantemente vestida.

O afortunado comprador do objecto, levantou-se e foi até ao escritório do caixa para pagar a antiguidade. O objecto de desejo custou-lhe finalmente um quarto de milhão de euros. O seu contralicitante, claramente um americano pelo sotaque, foi ultrapassado pelo Dr. Kruger.

O Dr. Theodor Kruger colocou a sua pasta castanha sobre a mesa e tirou vários pacotes de dinheiro púrpura. Depois deslizou-as para a senhora no balcão através de um painel de vidro à prova de bala.

As cinco bandas foram colocadas numa máquina de contagem de dinheiro e contadas. Assinou então uma declaração e foi para o armazém acompanhado por um segurança.

Apanharam um elevador para o segundo andar da cave e desceram por um longo corredor frio. Os dois homens entraram num cofre do tamanho de um quarto. Aqui outro funcionário armado já estava à espera e exigia o documento.

Theodor entregou-lhe o certificado de entrega, e pouco depois recebeu o objecto que tinha comprado em leilão.

"Com o tempo, o metal na base e nos arredores foi oxidado, mas a prata e o mármore foram poupados. Um maldito belo objecto que comprou desta vez, Doutor Kruger", observou o escrivão com grande reverência.

"Obrigado, vou levá-lo para África esta noite. Tem uma boa noite, Peter!"

O lojista entregou-lhe uma pequena caixa de madeira, com uma estátua de vinte centímetros dentro. A escultura que foi vista pela última vez há trezentos anos. Há seis meses, reapareceu no sótão de uma antiga quinta.

Disseram adeus com um aperto de mão firme. O próprio segurança da casa acompanhou o médico e a estátua até ao carro. Sempre que Theodor Kruger estava em Viena, conduzia o seu velho Mercedes 180D Ponton. No entanto, quando estava em sua casa, escritório e laboratório na Namíbia, estacionou o Benz numa garagem alugada perto do aeroporto.

Ele comprou a propriedade nessa altura com a sua esposa, uma local da Namíbia. Um ano mais tarde, tiveram uma filha. Pheona Kruger. A sua esposa morreu num trágico acidente de avião há catorze anos. Desde então, tem estado sozinho na terra com a sua amada filha.

O facto de ela ter trabalhado em Paris, e eles tão raramente se conheceram, foi duro para ele.

"Pelo menos agora tenho uma boa razão para a convidar. Ela vai fazer-me olhinhos", pensou Theodor enquanto conduzia para o aeroporto em Schwechat. Pheona trabalhou no Museu do Quai Branly como director-adjunto.

Desde os tempos da infância, eles foram juntos nas aventuras mais perigosas e emocionantes. Desde a

escalada de montanha nos Himalaias até ao mergulho em mar profundo, tudo estava lá.

Enquanto esperava por uma luz verde num semáforo, tirou uma fotografia da figura e enviou-a à sua filha.

Alguns segundos depois, recebeu uma mensagem de texto dizendo que ela já estava ansiosa pela reunião.

Ele teve de sorrir. Depois voltou a colocar o seu iPhone no bolso e conduziu o carro antigo para a garagem de estacionamento. Gingerly, ele tirou a caixa com a sereia da bota.

O Dr. Kruger desalfandegou a antiguidade e o seu pequeno carrinho de viagem através da alfândega. Depois, entrou na sala de estar e pediu uma bebida gelada. "Um martini, mexido e não abalado".

O nobre barman satisfez o seu pedido com um sorriso e recebeu em troca uma dica louvável. Ele não teve muito tempo para desfrutar da bebida. Ele olhou para o seu relógio de bolso, e dirigiu-se para o portão.

Kruger mostrou o seu bilhete e foi mostrado à classe executiva. Arrumou a pasta na bagageira de mão depois de puxar um livro de um bolso lateral.

O médico abriu o seu romance esfarrapado e começou a ler. Mas depois de algumas páginas ele estava demasiado exausto. Adormeceu imediatamente, e não voltou a acordar até chegar a África.

Adormecido, arrumou as suas coisas e deixou o avião. Depois de recolher as suas duas peças de bagagem, colocou-as num carrinho.

Isto também serviu como um pequeno apoio para caminhar. A criança de sessenta e um anos de idade não conseguia contornar muito sem apoio há já algum tempo. Isto deveu-se provavelmente ao facto de ele ter sido atingido nas pernas por várias balas há dois anos atrás.

Durante uma expedição na América Central, conheceu um grupo de mercenários que andavam atrás do mesmo tesouro que ele.

O caso terminou sem problemas. Ele foi capaz de trazer o tesouro, no valor de milhões, para a segurança.

Em qualquer caso, a sua sede de aventura nunca diminuiu.

Agora o Dr. Kruger estava em Windhoek. Deixou o edifício e finalmente parou junto à estrada.

Aqui a sua fiel assistente Vanessa Kimball já estava à espera. Uma mulher namibiana de trinta anos de idade com cabelo preto com comprimento de umbigo. Com um QI de cento e cinquenta, ela não era apenas uma verdadeira beleza no exterior. Vanessa também andou na escola com Pheona. Tornaram-se amigos e também tiveram sempre saídas cheias de acção.

"Boa tarde, Theodor. Teve um bom voo?" perguntou ela, enquanto abria a porta do passageiro do seu carro.

"Saudações". Conhecem-me, algumas linhas de Shakespeare e eu vou dormir como um tronco".

Vanessa carregou o carrinho e a caixa para o porta-bagagens e empurrou o vagão para uma área marcada.

Sentou-se no carro, começou o Land Rover verde e alinhouse com o trânsito. O todo-o-terreno de 1972 era antigo, mas

graças a uma manutenção minuciosa e muito amor, ainda conduzia como no primeiro dia.

Estiveram na estrada durante cerca de vinte minutos antes de chegarem à propriedade do Dr. Kruger. Uma mansão de três andares com um laboratório anexo, agora em torre à sua frente. O assistente estacionou o Rover na garagem. A jovem levou primeiro a mala para o camarim da casa.

Depois voltou e levou a caixa de madeira para o laboratório e colocou-a sobre uma mesa de aço.

Entretanto, Theodor trocou a sua roupa elegante e vestiu-se com um casaco branco.